



## EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: uma perspectiva líquido-moderna<sup>308</sup>

João Pedro Goes Lopes<sup>309</sup>

Rubens Antonio Gurgel Vieira<sup>310</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva apresentar a relação entre a Modernidade Líquida, teoria social proposta por Bauman, e o currículo contemporâneo da Educação Física. Para tanto, entrevistou-se 13 professores da licenciatura da Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba. A análise final discute uma Educação Física defendida por várias comunidades de pensamentos distintos, sem forma definida, pensada por uma sociedade em rede, e de identidade oscilante, sensível aos apelos da globalização neoliberal.

**Palavras-Chave:** Educação Física Escolar. Currículo. Modernidade Líquida.

**Abstract:** This research aimed a representation of the relation between Liquid Modernity, social theory suggested by Bauman, and the contemporary curriculum of Physical Education. Therefore, thirteen graduation teachers of Faculdade de Educação Física in ACM Sorocaba were interviewed. The final analysis discuss a Physical Education defended by various communities with different thoughts, without a definitive form, created by a network society, and with swinging identity caused by the appeals of a neoliberal globalization.

**Keywords:** Scholar Physical Education. Curriculum. Liquid Modernity.

---

No início de seu livro intitulado *Identidade*, o sociólogo Zygmunt Bauman (2005) retrata um dos acontecimentos de sua vida: chegou o dia de receber o seu título de doutor *honoris causa* na Grã-Bretanha, país que lhe fez uma oferta para lecionar, depois de ter sua obra proibida em seu país natal – Polônia –, em razão de questões políticas. Como não encontrou mais perspectivas para continuar vivendo na Polônia, e em virtude de perseguições constantes, viu-se obrigado a migrar para o Reino Unido.

De acordo com o costume, o hino nacional da nação do homenageado é executado durante a cerimônia. Contudo, para Bauman, essa não foi uma decisão muito simples. De um lado, a Polônia, seu país natal, pelo qual tem um grande apreço. Do outro, o país que

---

<sup>308</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático - 3. Perspectivas filosóficas e políticas da Educação do I Congresso Internacional de Educação, realizado pelo PPGE da Universidade de Sorocaba, no Campus Cidade Universitária– Uniso – Sorocaba, SP, nos dias 24, 25 e 26 de outubro de 2016.

<sup>309</sup>  
<sup>310</sup>

o acolheu e forneceu toda a estrutura necessária para que continuasse a sua vida. Apesar de, como o próprio Bauman diz, nunca ter restado dúvida para ninguém de que seu país natal não era a Grã-Bretanha e sim a Polônia, a decisão sobre qual hino tocar continuou sendo muito difícil.

Segundo Bauman (2005), essa indecisão sobre o *pertencimento* tem se tornado cada vez maior. No mundo contemporâneo, não só temos que construir uma identidade, mas começá-la do zero. As edificações e os vínculos mudam a cada dia a medida que são expostas novas possibilidades de pertencimento; e com grande velocidade, uma vez que o mundo se torna cada vez mais globalizado e as fronteiras entre os países e cidades são cada vez mais “simbólicas”.

Como argumenta Bauman (2001, 2005), sabemos que crises de identidade acontecem frequentemente. Não é, de fato, algo necessariamente ruim – todos devem ter a liberdade de mudar. A diferença da era moderna para a era contemporânea é a frequência com que ocorre e a facilidade da mudança, da troca, ou da compra de uma nova identidade, provenientes de uma cultura capitalista e das revoluções tecnológicas trazidas pela globalização, que expõem o indivíduo a milhares de opções possíveis todos os dias, caracterizando, assim, a modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

O presente trabalho se apossa da ideia de crise de identidade. Porém, como aponta Bracht (1999), associando-a com a ideia de crise de identidade da Educação Física, na qual nota-se a falta de um consenso sobre o que de fato é seu objeto e objetivo. No decorrer deste trabalho, iremos nos concentrar em três conceitos, baseados em Bauman (2001, 2003, 2005), que acreditamos ter grande relevância na construção do currículo escolar. Em primeiro lugar, entendemos ser a modernidade líquida a desencadeadora das próximas questões; trabalhamos também com a ideia de identidade; por fim, o conceito de comunidades, tendo em vista a grande quantidade de opções trazidas pelos novos meios de comunicação globalizados; com isso, voltaremos nosso olhar para a Educação Física e o seu currículo de uma forma geral, que, como aponta Silva (2010, p. 150), “é lugar, espaço e território. [...] trajetória, viagem e percurso”.

O líquido pode ser entendido como uma oposição ao sólido. A solidez tem forma definida, não se abala facilmente. Já os líquidos são inconstantes, escorrem por qualquer fresta, logo desaparecendo os rastros de sua passagem por algum lugar. Como diz



Bauman (2001, p. 8), “os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”.

Para compreender melhor, voltemos ao que Bauman chama de modernidade sólida. Esse nome faz relação com as enormes estruturas fabris construídas lentamente no início do capitalismo, tornando-se “sólidas”, “pesadas”. Na modernidade pesada, tamanho significava desenvolvimento. A visão de produção, consumo e vigilância não se prendia apenas aos limites físicos da fábrica, mas era também absorvida pela cultura da comunidade dos trabalhadores e da burguesia externos a ela. Para exemplificar, podemos utilizar algumas palavras-chave como: “padronização”, “especialização”, “tarefas simples”, “modelo panóptico<sup>311</sup>” etc. (BAUMAN, 1999, 2001).

Bauman (2001) transforma sua análise com o que, para ele, é o ponto chave da transição da modernidade sólida para a líquida: a desassociação do tempo e do espaço que, hoje, são coisas completamente diferentes. Entende-se que a liquidez começa com o “fim do espaço preso ao tempo”, possibilitando o advento da globalização e o posterior “derretimento” do capital, que não está mais em posse de apenas poucos donos de fábricas e sim de um mercado que inicia sua fluidez, gerando um enfraquecimento dos Estados-nações e suas barreiras modernas (BAUMAN, 1999, 2001; OHMAE, 1999).

Estabelecemos a relação do que chamamos de Educação Física “sólida” já no início do século XX, onde a escola, muito influenciada pelos objetivos do mercado sólido fabril e, como afirma Silva (2010), baseada no currículo conservador de Bobbit, formava dois tipos de indivíduos: os que mandam e os que executam. O âmbito escolar tornou-se um reflexo da sociedade comandada pelas grandes fábricas, formando indivíduos sem perspectivas de mudanças e com objetivos invariáveis (NEIRA; NUNES, 2009).

É sabido que na década de 1960, associando-se ao derretimento da modernidade sólida, começam a manifestar-se com grande força as teorias críticas da educação, reivindicando o desvencilhamento dos princípios fabris do ambiente escolar. Na Educação Física brasileira, começa a surgir, a partir da década de 1980, autores como

---

<sup>311</sup> Bauman (2001) cita várias vezes o modelo panóptico como a forma de observação exercida sobre os funcionários dentro das fábricas modernas. Segundo Foucault (1987), esse modelo criado por Bentham seria um prédio em formato de anel, comportando várias celas e com uma torre de vigia no centro. Essa torre tinha suas janelas guardadas por persianas e estaria posicionada de modo a vigiar inteiramente os cárceres do prédio, ou seja, aqueles que estavam “presos” sabiam que estavam sendo vigiados, no entanto, não tinham contato com seu vigia. As celas continham os “prisioneiros” de acordo com o objetivo da instituição: trabalhadores das fábricas, prisioneiros, estudantes etc.



João Paulo Medina (1990), que reivindicavam, de certa forma, uma renovação de objetivo da Educação Física, afirmando que ela precisava entrar em crise.

Logo, com o aumento das possibilidades, há uma ampliação do que a Educação Física pode ser e do que ela pode não ser, pois as comunidades foram ampliadas e cada uma defende um ponto de vista. Podemos viajar por vários objetivos e objetos de estudo, ou seja, a formação da identidade da Educação Física, hoje, se aproxima muito da formação de identidade dos sujeitos – identidade essa híbrida, eclética, não duradoura, ou que faça uma melhor propaganda e seja aceita e comprada por aqueles que estudam ou ministram aulas.

Atualmente, as disputas pela hegemonia da identidade da Educação Física são acirradas, ou seja, vivemos sob a guarda da pluralidade de perspectivas. Um currículo líquido renovou nossas visões sobre o que somos e sobre o que trabalhamos, positiva ou negativamente, dependendo do ponto de vista. Podemos dizer que o currículo da Educação Física incorpora identidades e forma comunidades que atendem aos interesses do mercado? Certamente que sim, mas de um novo mercado oscilante que não vê vantagem em ideais sólidos de produção, por exemplo, seguindo a lógica fabril, as adaptações que ocorreram no decorrer dos anos do sistema fordista para o taylorista e sua “produção flexível”, ou do *volvismo* e sua “produção flexível criativa” (WOOD JR., 1992).

Porém, o acesso a outros discursos, embasados em novos teóricos da educação, da filosofia, da sociologia (como é o caso desse trabalho) que hoje vencem o espaço com muito mais facilidade, possibilitaram novos horizontes, que tentam superar a visão hegemônica do mercado, assim como todas as infinitas possibilidades de adequação de identidades que se constroem sem a premissa de uma essência definida, moldando-se a partir das comunidades viventes.

Para fundamentarmos nosso estudo, baseamo-nos em uma pesquisa qualitativa, onde não se expressaram números e nem fórmulas exatas daquilo que procurávamos. Opusemo-nos a qualquer tipo de modelo único de redação e de perguntas, tencionando produzir reflexões acerca daquilo que foi falado e interpretado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Propusemos a seguinte questão: “Na sua visão, o que é Educação Física?”. Tínhamos em mente quão significativa poderia ser essa pergunta, afinal, ela foi

direcionada aos docentes da Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba, mais conhecida por Fefiso, que são os responsáveis pela formação de todos os alunos que passam pela faculdade, os quais, posteriormente, estarão formando outros novos alunos no decorrer de suas atividades.

Nossa metodologia foi baseada num método oriundo do jornalismo: as mônadas. A proposta das mônadas torna o nosso trabalho muito mais objetivo, implicando destacar determinadas partes do trabalho, de um discurso todo, retirar partes satisfatórias para o seu estudo – fazendo, literalmente, alusão à ideia de um átomo: único e “indivisível”. Em outras palavras, consistiu em retirar uma parte do depoimento que melhor estabelecesse relação com o que é discutido no trabalho (PERNISA J, 2013; ROSA et al., 2011).

O questionário aplicado nos treze professores da Fefiso mostra muito daquilo que nos propusemos a apresentar. Além das diferenças contidas nos depoimentos, pudemos perceber algumas semelhanças que interligavam uns aos outros. Isso mostra a presença de um determinado discurso que se revela sendo usado de forma diferente na fala dos professores. Ou seja, os discursos dissipam-se em comunidades e várias delas influenciam na construção da identidade da Educação Física – seja ela voltada para uma ideia de mercado, filosófica, sociológica ou de discursos antigos, identificamos a influência da globalização neoliberal.

O que objetivamos relacionar é: o currículo da Educação Física na modernidade sólida acompanhou as exigências de um mercado sólido e com aspirações duráveis pela eternidade, logo, seu currículo não era diferente, visando mudanças e diversidades, mas sim trazia para “a pista” ou “para o caminho” o único objetivo do mercado daquela época. Hoje, em tempos líquidos, globalizados e de políticas neoliberais, o currículo também se adequa ao mercado, no entanto, vai além, aderindo à crítica de inúmeros pensadores que, em razão da característica em rede da sociedade atual, tornam-se muito mais presentes no âmbito das discussões educacionais; o currículo mostra diversos caminhos e possibilidades de “caminhada” por essa pista, deixando de estar fadado a apenas um objetivo sólido, mas incorporando a diversidade que a modernidade líquida traz consigo, resultando, assim, no que chamamos de Educação Física “líquida”.

Vemos a pluralidade e a possibilidade de assumir novas perspectivas e identidades dentro do “currículo líquido” como algo que pode favorecer-nos ou prejudicar-nos – o fato é que essa nova perspectiva deve ser trabalhada. Acreditamos que se faz necessário o



conhecimento do profissional de Educação Física do nosso tempo, sobre a contemporaneidade e sobre tudo o que nos cerca, não no sentido de conhecer todos os discursos – o que, talvez, seja impossível – mas compreender sua imersão neles. A oportunidade de trabalhar com infinitas possibilidades traz consigo a ideia de trabalhos rasos e abordagens no melhor estilo da modernidade líquida; porém, também faz emergir de “caminhos” nunca antes percorridos, novos objetivos, e desconstruções do que antes se julgavam ideais utópicos.

## Referências

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRACHT, V. A. Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedex**, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-99, ago. 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA D. T. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OHMAE, K. **O fim do Estado-nação**. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus; São Paulo: Publifolha, 1999.

PERNISA JR., C. Mônadas abertas: a evolução de um conceito. **Brazilian Journalism Research**, Juiz de Fora, v. 9, n. I, p. 154-173, 2013.

RAMOS, L. C. S. **A sociedade civil em tempos de Globalização**: um perspectiva neogramsciana. 2005. 219f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.



ROSA, M. P. R. et al. Narrativas e Mênadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-217, jan./jun. 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução a teoria dos currículos. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WOOD JR. T. Fordismo, Toyotismo e Volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 6-18, set./out., 1992.